

See discussions, stats, and author profiles for this publication at: <https://www.researchgate.net/publication/275950110>

"A PROPÓSITO DO TEXTO 'OS INSUSPEITOS' , AS PAIXÕES DE ANA TERESA PEREIRA

Article · April 2014

READS

56

1 author:



[Anabela Sardo](#)

Polytechnic Institute of Guarda

19 PUBLICATIONS 0 CITATIONS

SEE PROFILE



XXI COLÓQUIOS DA LUSOFONIA – S. Miguel, Açores, Portugal
ANABELA SARDO
INSTITUTO POLITÉCNICO DA GUARDA – UNIDADE DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO INTERIOR



A propósito do texto ‘Os Insuspeitos’, as paixões de Ana Teresa Pereira

Introdução

No âmbito do tema “A mulher nas letras lusófonas no resto do mundo”, proposto pelo XXI Colóquio da Lusofonia, e no sentido de homenagear “a mulher e as letras”, propomo-nos analisar um texto da escritora portuguesa Ana Teresa Pereira também ela nascida numa perolina ilha atlântica, neste caso no arquipélago da Madeira. O objetivo é apresentar a obra desta escritora, os prémios que lhe foram atribuídos até 2012 e realçar aquela que é uma das suas paixões cruciais, a literatura policial, uma das evidências do carácter autobiográfico dos seus textos.

Ana Teresa Pereira assume, abertamente, a marca autobiográfica das suas narrativas, espaço no qual verte, sem inibição, os seus gostos e paixões, bem como as suas obsessões primordiais: a Literatura, o Cinema e a Pintura. Iremos, a título exemplificativo, trazer a lume o texto “Os insuspeitos”, narrativa inicial de *Histórias Policiais*, um livro publicado em 2006.

A obra e os prémios

Ana Teresa Pereira tem vindo a construir, desde 1989, uma obra sólida e coerente que conta com a publicação de mais de trinta títulos, que enumeramos a seguir:

1. *Matar a Imagem* (1989);
2. *As Personagens* (1990);
3. *A Última História* (1991);
4. *A Casa dos Pássaros* (1991);
5. *A Casa da Areia* (1991);
6. *A Casa dos Penhascos* (1991);
7. *A Casa das Sombras* (1991);
8. *A Casa do Nevoeiro* (1992);
9. *A Cidade Fantasma* (1993);
10. *Num Lugar Solitário* (1996);
11. *Fairy Tales* (1996);
12. *A Coisa que Eu Sou* (1997);

13. *A Noite Mais Escura da Alma* (1997/98);
14. *As Rosas Mortas* (1998);
15. *O Rosto de Deus* (1999);
16. *Se Eu Morrer Antes de Acordar* (2000);
17. *Até que a Morte nos Separe* (2000);
18. *O Vale dos Malditos* (2000);
19. *A Dança dos Fantasmas* (2001);
20. *A Linguagem dos Pássaros* (2001);
21. *Intimações de Morte* (2002);
22. *O Ponto de Vista dos Demónios* (2002);
23. *Contos* (2003);
24. *Se Nos Encontrarmos de Novo* (2004);
25. *O Mar de Gelo* (2005);
26. *O Sentido da Neve* (2005);
27. *A Neve* (2006);
28. *Histórias Policiais* (2006);
29. *Quando Atravessares o Rio* (2007);
30. *O Fim de Lizzie* (2008);
31. *O Verão Selvagem dos Teus Olhos* (2008);
32. *As Duas Casas* (2009);
33. *O Fim de Lizzie e Outras Histórias* (2009);
34. *Inverness* (2010);
35. *A Outra* (2010);
36. *Los Monstruos; Os Monstros; Les Monstres* – edição trilingue (2010);
37. *A Pantera* (2011);
38. *O Lago* (2011);
39. *As Longas Tardes de Chuva em Nova Orleães* (2013);
40. *A Porta Secreta* (2013).

A obra tem sido reconhecida através da atribuição de prémios e menções honrosas. A escritora madeirense recebeu, em 1989, o Prémio Caminho da Literatura Policial com o seu primeiro livro *Matar a Imagem*. Em 1990, com *As Personagens*, foi distinguida com a menção honrosa do Prémio Revelação de Ficção da Associação Portuguesa de Escritores (APE). Catorze anos mais tarde, em 2004, ganhou o Prémio PEN Clube Português¹ de Ficção (*Ex-aequo*)² com *Se Nos Encontrarmos de Novo* e, em 2007, o Prémio Máxima de Literatura com *A Neve*. Este livro tinha recebido, em 2006, o Prémio Edmundo Bettencourt, atribuído pela Câmara Municipal do Funchal. Em 2010, foi novamente distinguida (de entre cento e quarenta e dois concorrentes), pelo júri do mesmo prémio, com o conto *A Outra*, apresentado sob o pseudónimo Lara Croft. O júri justificou a escolha pela “beleza da história contada, o uso marcadamente literário e pessoal da linguagem, o domínio seguro e original da técnica narrativa, o ritmo narrativo acompanhado de força imagética e dimensão lúdica”.³ Também, neste mesmo ano, o livro *O Verão*

¹ PEN (Poetas, Ensaístas e Novelistas) Clube Português - Poesia, Ensaio, Ficção e Primeira Obra.

² Ana Teresa Pereira e José Tolentino de Mendonça (nascido em 1965, padre, teólogo e escritor português também natural da Ilha da Madeira) foram contemplados, em 2005, com os prémios literários atribuídos pelo PEN Clube Português, nos géneros da ficção e do ensaio, respetivamente.

³ Informação disponível em <<http://www.publico.pt/Cultura/ana-teresa-pereira-vence-premio-edmundo-bettencourt-1439721>>, consulta a 22/10/2011.

Selvagem dos Teus Olhos ficou entre os dez finalistas⁴ do Prémio Literário Casino da Póvoa⁵, que seria atribuído a Maria Velho da Costa com o livro *Myra*.

Em outubro de 2012, Ana Teresa Pereira venceu o Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores (APE) com o livro *O Lago*, publicado nos finais de 2011. A escritora foi uma das cinco finalistas do galardão, de entre as cento e três obras admitidas ao concurso. Este certame é apoiado pela Secretaria de Estado da Cultura, pela Fundação Calouste Gulbenkian, pela Imprensa Nacional Casa da Moeda, pelo Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, I. P.⁶ e pela Sociedade Portuguesa de Autores. Os outros quatro finalistas foram grandes nomes da literatura portuguesa contemporânea, a saber, Maria Teresa Horta, com *As Luzes de Leonor*; Mário Cláudio, com *Tiago Veiga – Uma Biografia*; Nuno Júdice, com *O Complexo de Sagitário*, e Teolinda Gersão com *Cidade de Ulisses*.

É de realçar a importância da atribuição deste prémio que, ao longo dos anos, já distinguiu, entre outros, nomes maiores da Literatura Portuguesa como, por exemplo, Vergílio Ferreira, António Lobo Antunes, Agustina Bessa-Luís, Francisco José Viegas e José Saramago.

José Manuel Gonçalves, membro e porta-voz do júri, declarou que *O Lago*

não é uma ruptura com a obra da escritora, mas revela uma certa novidade formal e até algum experimentalismo o que agradou ao júri. O que gostámos naquele romance foi de uma certa novidade formal e de um certo experimentalismo, que não é novo na sua obra do ponto de vista estrutural e formal.⁷

Acerca da atribuição deste galardão, António Guerreiro, num breve artigo, publicado em novembro de 2012 e intitulado “A escritora que na semana passada viu o seu último livro premiado pela APE não é facilmente classificável”, reforça o que vários críticos haviam dito sobre Ana Teresa Pereira, ou seja, que a mesma é

um caso singular no panorama atual da ficção narrativa da literatura portuguesa Servem-lhe, com justeza, estes predicados: prolixa - trinta livros

⁴ Os escritores finalistas foram sete portugueses, um espanhol, um mexicano e uma brasileira: Inês Pedrosa, por *A Eternidade e o Desejo* (Dom Quixote); Pedro Almeida Vieira, por *A Mão Esquerda de Deus* (Dom Quixote); Mário de Carvalho, por *A Sala Magenta* (Caminho); Maria Velho da Costa, por *Myra* (Assírio & Alvim); Valter Hugo Mãe, por *O apocalipse dos trabalhadores* (QuidNovi); A. M. Pires Cabral, por *O Cónego* (Cotovia); Juan José Millás, por *O Mundo* (Planeta); Ana Teresa Pereira, por *O Verão Selvagem dos Teus Olhos* (Relógio d'Água); Adriana Lisboa, por *Rakushisha* (Quetzal) e Gonzalo Celorio, por *Três Lindas Cubanas* (Quetzal). Foram escolhidos, de entre um conjunto de 160 obras de autores ibero-americanos, por um júri composto por Carlos Vaz Marques, Dulce Maria Cardoso, Fernando J.B. Martinho, Patrícia Reis e Vergílio Alberto Vieira. O prémio foi anunciado a 24 de fevereiro, no primeiro dia da 11.ª edição das Correntes d'Escritas. (Informação disponível em <<http://www.cm-pvarzim.pt/povoa-cultural/pelouro-cultural/areas-de-accao/povoa-cultural/pelouro-cultural/areas-de-accao/correntes-d-escritas/correntes-descritas-2010/premio-literario-casino-da-povoa>>, consulta a 22/10/2011).

⁵ O Prémio Literário Casino da Póvoa, um galardão internacional, instituído em 2004, premeia autores dos vários países de língua portuguesa e de línguas hispânicas, com obras em 1ª. Edição, editadas em Portugal, excluindo-se as obras póstumas e, ainda, aquelas da autoria de galardoados com o Prémio Literário Casino da Póvoa nos últimos seis anos.

Foram vencedores, em edições anteriores a 2010, os seguintes escritores:

- Lídia Jorge, *O Vento Assobiando nas Gruas* (2004);
- António Franco Alexandre, *Duende* (2005);
- Carlos Ruíz Záfon, *A Sombra do Vento* (2006);
- Ana Luísa Amaral, *A Génese do Amor* (2007);
- Ruy Duarte de Carvalho, *desmedida, luanda - s. paulo - s. francisco e volta* (2008);
- Gastão Cruz, *A Moeda do Tempo*, (2009);
- Maria Velho da Costa, *Myra* (2010);
- Pedro Tamen, *O Livro do Sapateiro* (2011).

(Informação disponível em <<http://www.cm-pvarzim.pt/povoa-cultural/pelouro-cultural/areas-de-accao/povoa-cultural/pelouro-cultural/areas-de-accao/correntes-d-escritas/correntes-descritas-2010/premio-literario-casino-da-povoa>>, consulta em 22/10/2011; e em <http://www.cm-pvarzim.pt/groups/staff/conteudo/noticias/correntes-d2019escritas-anuncia-premio-literario-para-2012>>, consulta a 30 de janeiro de 2012).

⁶ A partir da publicação do Decreto-Lei n.º 21/2012, de 30 de janeiro, o designado Instituto Camões passou a designar-se “Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, I. P.” (CICL).

⁷ Informação disponível em <<http://rr.sapo.pt/printArticle.aspx?did=82519>>, consulta a 25/10/2012.

desde 1989, eclética — cultiva uma pluralidade de géneros, obsessiva - nas referências, nos cenários e nas personagens que transitam, com o mesmo nome, de livro para livro. (...) a escritora parece mover-se no mundo da ficção como se ele fosse a sua realidade, até ao ponto em que deixa de haver um interior e um exterior da literatura. (...) as narrativas desta escritora situam-se noutro lado: do lado de um mundo interior obsessivo, inquietante, (...) parece movida por uma hipermemória literária - ou melhor, por um imaginário fornecido pela literatura e pelo cinema (...). (Guerreiro, 2012: s. p.)

Concluindo, sobre Ana Teresa Pereira, podemos afirmar que a avaliação da qualidade e singularidade desta escritora se faz tendo em conta cada um dos seus livros, mas, sobretudo, pelo conjunto de toda a obra publicada. A mesma revela-se pela ousadia de ser diferente.

Para além dos contos, novelas e romances que tem publicado desde 1989, Ana Teresa Pereira tem vindo a colaborar com diversos jornais e revistas (*Público*, *Expresso*, *Diário de Notícias* - Funchal, *Isleña*, *Margem 2*), de que destacamos as crónicas no suplemento *Mil Folhas*, coluna “A Quatro Mãos”, do jornal *Público*, as quais nos permitem concluir que o universo temático e imagético das mesmas, bem como de outros textos escritos pela autora, é precisamente o mesmo das suas obras ficcionais. Entre 2000 e 2004, Ana Teresa Pereira assinou a coluna supramencionada ao lado de João Barrento, José Tolentino de Mendonça e Hélder Macedo. Algumas crónicas aí escritas foram agrupadas e publicadas, posteriormente, nos livros *O Ponto de Vista dos Demónios* (2002) e *O Sentido da Neve* (2005).

Fernando Pinto do Amaral, num artigo publicado na página de Camões - Instituto da Cooperação e da Língua, I. P.⁸, considera que um dos aspetos mais importantes das transformações que a Literatura Portuguesa tem experimentado, nos últimos vinte e cinco anos, tem sido o declínio da ideia de vanguarda e o desaparecimento dos grupos literários e movimentos que marcaram o século XX até aos anos sessenta e setenta. Nesta perspetiva, os autores contemporâneos (finais do século XX e inícios do XXI) não se apresentam como os arautos de uma mensagem coletiva, mas, simplesmente, sustentando um ponto de vista pessoal que exprime e dá forma a um universo singular.

Nesse mesmo breve artigo, o crítico literário aponta os principais poetas e prosadores portugueses, desde Sophia de Mello Breyner Andresen e Eugénio de Andrade, que começaram a escrever nos anos quarenta do século XX, até aos escritores mais contemporâneos, que caracteriza numa pincelada, como Rosa Lobato Faria, Helena Marques, Rita Ferro, Domingos Amaral, Rui Zink e Miguel Esteves Cardoso. Refere, finalmente, aqueles que deram, segundo a sua opinião, nova vida à literatura portuguesa nos anos noventa do século passado. É o caso de Pedro Paixão “with his fragmented and anti-rhetorical style”; Inês Pedrosa “who seems to possess a road map of contemporary feelings”; e Ana Teresa Pereira “who lives within a universe of portents”⁹

Esta ideia de uma escritora “que vive dentro de um universo de portentos” era já referenciada por Rui Magalhães no livro *O Labirinto do Medo: Ana Teresa Pereira*. Neste texto, afirma-se que para

se compreender os livros de Ana Teresa Pereira é necessário ir além deles mesmos, ir além da representação que, em cada momento, somos tentados a construir. Ler Ana Teresa Pereira é descer da falsa luz da imagem até à escuridão absoluta onde mesmo o confronto com os nossos próprios fantasmas é ainda uma forma de representação, de desistência, de não compreensão. (Magalhães, 1999: 9)

Para o professor e filósofo, os “textos de Ana Teresa Pereira são, acima de tudo, fragmentos de um filme impossível que contasse eternamente a mesma história” (Magalhães, 1999: 137).

⁸ Informação disponível em <<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/contportcult/literature.html>>, consulta a 07/02/2008, p.

1.

⁹ Informação disponível em <<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/contportcult/literature.html>>, consulta a 07/02/2008, p. 3.

José Guardado Moreira, num breve texto intitulado “A casa dos espelhos”, refere-se ao território muito próprio de Ana Teresa Pereira como possuindo

(...) temas fortes muito seus, e uma capacidade inédita de revitalizar géneros ou subgéneros (...). O jogo da escrita, o prazer dos reflexos para sempre sublimados, o permanente reenviar para uma referência literária ou cinematográfica constituem-se nela como materiais de feitura de um mundo aparentemente encerrado em alguns tópicos reconhecíveis, mas que se desdobram constantemente como imagens de imagens, num número infinito de variações (...) tudo se conjuga para dotar os seus livros de uma atmosfera única (...).” (2001: 108)

Rosélia Fonseca inicia a sua dissertação de mestrado com uma asserção que corrobora a opinião de Rui Magalhães e de outros críticos literários:

a leitura dos livros de Ana Teresa Pereira permite a descoberta de um universo literário que se afasta dos cânones tradicionais e, dentro da moderna literatura, envereda por um mundo interior, onde a diegese é menos importante do que a personagem, onde o ser reclama um mundo, o lado de dentro. (Fonseca, 2003: 7)

Caráter autobiográfico da obra pereiriana

Duarte Pinheiro, no preâmbulo da sua tese de doutoramento, *Além-sombras: Ana Teresa Pereira*, reconhece que entrar no universo labiríntico de Ana Teresa Pereira

é entrar na casa dos espelhos. Tudo o que o constitui chega até nós, leitores, reflectido. (...) As histórias sucedem-se indistintas, como se fossem todas versões de uma só, numa perspectiva autobiográfica, podíamos dizer que são monólogos provenientes do interior da autora para o interior da mesma, num egocentrismo aberto e, ao mesmo tempo, antagonicamente fechado. (Pinheiro, 2010: 2)

Pedro de Barros refere-se à obra pereiriana como “um universo bastante peculiar que ocupa um lugar único no panorama literário português contemporâneo, construído a partir de imagens que se repetem exaustivamente, imagens de uma beleza terrível e fantástica” (Barros, 2010: 5). Acrescenta, ainda, que a leitura de Ana Teresa Pereira desperta “sentimentos de carácter ruinoso” (Barros, 2010: 9) porque, ao nos embrenharmos no seu universo singular

e procedermos à análise cuidada de todas essas imagens que perpassam as obras da autora, verificamos que o próprio processo de descodificação e de interpretação dos textos de Ana Teresa Pereira se assemelha ao ato de vasculhar por entre as ruínas de séculos de uma casa abandonada, onde cada vestígio encontrado se repete incessantemente, suscetível de ser confundido com um outro apenas uns passos mais adiante. Quando postos nos seus lugares (ou onde imaginamos serem os seus lugares), esses vestígios, essas pedras nos escombros em ruínas, constituirão a casa de palavras de Ana Teresa Pereira, o seu universo fantástico e misterioso, de plena valorização da ruína como espaço/tempo de exploração de múltiplos lugares do medo. (Barros, 2010: 5)

Concordando inteiramente com o que acaba de ser referido, e porque, efetivamente, o universo em causa é fantástico e enigmático, ainda que se explorem esses numerosos lugares do medo, como acredita Barros, e talvez também por isso mesmo, parece-nos que existe, na obra em análise, e como já afirmámos em outros textos nossos, uma palavra adequada para definir a escrita pereiriana, que surge várias vezes no seu livro *O Rosto de Deus*¹⁰. Esse vocábulo é utilizado para descrever a sensação que

¹⁰ Confirme-se, em *O Rosto de Deus*, nas páginas 48 e 99, por exemplo.

provoca a escrita de Tom¹¹, a *personagem* recorrente nas histórias pereirianas, sobre as outras personagens: “encantamento” e condensa, na perfeição, o efeito da escrita de Ana Teresa Pereira sobre os seus leitores: o “importante era o encantamento, ver, sentir...” (Pereira, 1999: 48).

Este enlevo face à obra advém dos muitos e diversos aspetos, tópicos recorrentes e fulcrais que podemos sintetizar da seguinte forma:

1. as suas ficções estabelecem relações variadas com outros textos num intrincado labirinto de citações e apropriações, que constitui um desafio a qualquer esforço de delineação estrutural;
2. a profusão de referências literárias e artísticas não têm a ver com a cultura tradicional e a literatura portuguesa;
3. para além da interação constante com outras obras, os textos da autora estabelecem um diálogo problematizante com mais do que um género, diluindo fronteiras, como afirma Patrícia Freitas, e “fundindo tradição erudita com tipologias associadas à cultura popular ou de massas” (2011: 67);
4. a utilização de vocábulos ingleses agregados ao discurso é revelador de uma literatura globalizante e universal que desafia a própria noção de uma literatura nacional;
5. a preponderância de indícios dos géneros policial e fantástico tendo em conta, porém, que existe uma subversão dos motivos emblemáticos do policial, razão que fez emergir a condição fantástica dos seus textos;
6. o facto de o policial se ter constituído como ponto de partida da obra apurou a afirmação de algumas das características mais marcantes da ficção pereiriana, como a circularidade, que delinea o retorno apelante aos mesmos temas, personagens e espaços, facilitando a propagação das versões de uma mesma história;
7. a existência de uma forte componente autobiográfica na produção literária pereiriana.

A última característica elencada verifica-se na transposição das recordações da infância para os seus livros, como a análise dos mesmos mostra e a própria autora atesta, quando confessa:

nasci numa ilha, cresci numa ilha. Há imagens que fazem parte de mim: a neve a cair no Pico do Areeiro, a estrada velha do Seixal num dia de tempestade, o Paul da Serra coberto por um lençol de água; o Paul do Mar que até há alguns anos era um lugar solitário, ‘the edge of the world’. O jardim da Quinta do Palheiro, onde se passam tantas das minhas histórias. Mas também cresci numa casa onde havia gatos e livros, sobretudo livros ingleses. Há imagens de livros que são tão fortes como as outras: a rapariga que se perde de noite nas ruas escuras cheias de nevoeiro e encontra uma loja aberta; a casa junto à charneca e as quatro crianças que brincam no jardim e cantam ‘Mulberry Bush’. Eu podia passar o resto da vida a escrever a partir dessas duas imagens. (Catalão, 2010: 37)

A propósito da problemática do carácter autobiográfico da obra pereiriana, Duarte Pinheiro fala da “pessoalidade” das histórias de Ana Teresa Pereira; alude à “dimensão que a autora confere a outras histórias para formar as suas”; realça “a linguagem e discurso totalmente novos na nossa literatura e que ela deposita nas suas personagens e narradores”; fala do processo de construção narrativa “que gira em torno das personagens e das imagens literárias, pictóricas e cinematográficas que alimentam a narrativa” e enfatiza o “cariz autobiográfico” das mesmas (Pinheiro, 2010: 24).

No nosso texto “Quando a ficção vive na e da ficção”, escrito no início da primeira década de 2000, já nos referíamos a este aspeto autobiográfico da obra pereiriana quando afirmávamos:

¹¹ Sobre Tom, essa *personagem* enigmática e omnipresente na obra, leia-se a dissertação de Rosélia Fonseca, *A personagem Tom. Unidade e pluralidade em Ana Teresa Pereira*.

Se procurarmos destrinçar o material de que são feitas as personagens (e nos lembrarmos da recorrência obsessiva de determinados temas), parecem-nos, acima de tudo, que são construídas de pedaços da própria escritora. São feitas do mesmo material dos seus sonhos e dos seus pesadelos, e das imagens (literárias) que as preenchem, diluindo-se, num todo que as confunde, autor, narrador e personagens, ou melhor, derramando-se nas personagens a essência de que é feita a escritora: ‘todos os livros sou eu própria, o material de que sou feita.’” (Sardo, 2002: s. p.)

Esta constatação será corroborada, anos mais tarde, numa entrevista dada, pela escritora, a Maria Leonor Nunes, na qual afirma: “tudo o que escrevemos é autobiográfico” (Nunes, 2008: 11) e pode ser comprovada ao longo de toda a obra publicada.

De entre as referências literárias fundamentais de Ana Teresa Pereira, podemos referir os autores e as obras policiais. A sua paixão pela literatura policial transparece em “Os insuspeitos”, narrativa inicial do livro, significativamente intitulado *Histórias Policiais*, publicado em 2006 e composto pelo texto mencionado e por três novelas, duas das quais (“A noite dá-me um nome” e “A cidade fantasma”) tinham tido uma primeira publicação, na Editorial Caminho, em 1993. A que dá início ao livro intitula-se “Numa manhã fria”.

“Insuspeitos” (páginas 9 a 22) tem o título homónimo da tradução portuguesa do filme realizado, em 1943, por Richard Thorpe (1896 - 1991), *Above Suspicion* e do livro da escritora americana Charlotte Armstrong (1905 - 1969), *O Insuspeito*, um dos dez romances policiais preferidos de Ana Teresa Pereira.

Neste texto, datado de 5 de maio de 2006, Ana Teresa Pereira revela a lista daqueles que considera serem, para si, os dez melhores romances policiais: (1) John Dickson Carr, *The Burning Court*, *O Enigma da Cripta*; (2) William Irish/Merried a Dead Man, *A Intrusa*; (3) Ellery Queen, *Ten Days's Wonder*, *Dez Dias de Mistério*; (4) Charlotte Armstrong, *The Unsuspected*, *O Insuspeito*; (5) Pat McGerr, *Follow as the Night*, *A Morte Mora no 14º Andar*; (6) Agatha Christie, *Murder is Easy*, *O Último Suspeito*; (7) Francis Iles, *Before the Fact*, *Suspeita*; (8) Bill Ballinger, *Portrait in Smoke*, *Versão Original*; (9) Dorothy L. Sayers, *Strong Poison*, *Intriga e Veneno*; (10) Nicholas Blake, *The Abominable Snowman*, *O Homem da Neve*.¹² Estes escritores norte-americanos, ingleses e irlandeses, todos da primeira metade do século XX, são autores de policiais que influenciaram decisivamente a obra de Ana Teresa Pereira.

O texto começa com uma citação que parece, antes de mais, definir a forma muito pessoal como a escritora encara a questão do género, em particular aquele a que se poderá chamar “género policial”¹³ (na linha dos estudos anglo-saxónicos e do estudo de Maria de Lurdes Sampaio, *História Crítica do Género Policial em Portugal*¹⁴):

(...) para quê discutir a ficção policial? (...) ‘ao discutir os romances policiais, não é minha intenção tentar estabelecer regras. Pretendo falar apenas de gostos e preferências pessoais. Há mil e uma maneiras de construir o enredo de um crime e todas estão correctas’. (Pereira, 2006: 9)

¹² John Dickson Carr (1906 – 1977); William Irish, pseudónimo de Cornell Woolrich (1903 – 1968); Ellery Queen é o nome da personagem ficcional e pseudónimo usado por dois escritores Americanos do século XX: Daniel Nathan/Frederic Dannay (1905 – 1982) e Manfred (Emanuel) Lepofsky/Manfred Bennington Lee (1905 – 1971); Charlotte Armstrong (1905 – 1969); Patricia (‘Pat’) McGerr (1917 – 1985); Agatha Christie (1890 – 1976); Francis Iles, pseudónimo de Anthony Berkeley Cox (1893 – 1971); Bill Ballinger (1912 – 1980); Dorothy L. Sayers (1893 – 1957) e Nicholas Blake (1904 – 1972); (informação disponível em Infopédia [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003 - 2012).

¹³ Como se sabe, é difícil chegar a uma definição de policial, uma vez que as obras que aí se poderão enquadrar têm características híbridas e, ao longo dos tempos, foram-lhe sendo acopladas etiquetas ou afixos, como por exemplo: policial psicológico; policial histórico; *metaphysical detective fiction*; *romance hard-boiled* ou *noir*. Todorov, no estudo “Typologie du Roman Policier”, em vez de avançar com uma definição, propôs uma abordagem a partir de subgéneros: policial clássico, romance de enigma, romance negro e romance de suspense.

¹⁴ A este respeito, leia-se a bordagem feita por Patrícia Freitas no capítulo I, “A vertigem do policial”, da dissertação de mestrado *Do Escritor ao Predador: Mistérios e (Re)visões na obra de Ana Teresa Pereira*.

A Ana Teresa Pereira seduz, acima de tudo, “falar dos seus gostos e preferências pessoais”, não lhe interessando definições nem cânones explícitos. O que pretende é divagar sobre os livros que mais a marcaram. Ao mesmo tempo, vai mencionando outros nomes que, embora tenha retirado da sua lista inicial de melhores romances policiais, fazem parte do seu universo referencial. Tal é o caso de *The Moonstone*, de Wilkie Collins, “que considera o melhor e mais longo policial de sempre” (Pereira, 2006: 10); de *The Hound of the Baskervilles*, de Conan Doyle; e de *Le Mystère de la Chambre Jaune*, de Gaston Leroux, “o primeiro romance sobre um crime num quarto fechado” (Pereira, 2006: 10).

Escolhe, pois, *O Enigma da Cripta*, de John Dickson Carr, para encabeçar a sua listagem dando, a seguir, explicações sobre o romance, o escritor, os detetives inesquecíveis que ele criou; o seu romance mais conhecido, *The Hollow Man (Os Três Ataúdes)*; as mulheres dos seus livros “personagens muito fortes, por vezes de uma sensualidade enorme, que as aproxima dos vampiros e das feiticeiras” (Pereira, 2006: 11); e alguns dos livros deste escritor, concluindo que “é possível elaborar uma lista dos melhores policiais só com livros de Dickson Carr” (Pereira, 2006: 11). A seguir, fala de William Irish/Cornell Woolrich, justificando o facto de ter escolhido *A Intrusa* em vez daquele que considera ser um dos melhores livros deste escritor, *O Anjo Negro*, rematando que ambos “são quase metafísicos” (Pereira, 2006: 12) e a “matéria” com que este autor trabalhava eram o suspense, a solidão e a angústia. Sobre Ellery Queen, dá-nos as referências fundamentais: pseudónimo e protagonista dos principais livros que escreveram Frederic Dannay e Manfred Lee. Indica, também, alguns dos seus livros violentos, cruéis e poéticos, em especial *Perigo Oculto* e *A Mansão Negra (The Lamp of God)*, “uma novela perfeitamente mágica passada num cenário de neve” (Pereira, 2006: 13). Logo a seguir, menciona outros livros de Charlotte Armstrong Lewi (como *Veneno - A Dram of Poison*), mas considera *O Insuspeito* como “um dos livros mais belos que [leu na sua] vida” (Pereira, 2006: 13), admitindo que a “história tem algo de conto de fadas” (Pereira, 2006: 13). Acerca de Patricia McGerr, realça uma das características aliciantes de alguns dos seus livros: “começamos por saber quem é o assassino e só no final descobrimos quem é a vítima” (Pereira, 2006: 15). Sobre *A Morte Mora no 14º Andar*, escreve: “Nunca li um policial em que o móbil do crime fosse tão fascinante. E poucas vezes li um livro em que as personagens estivessem tão vivas” (Pereira, 2006: 13). Declara, ainda, neste texto inicial de *Histórias Policiais*, que Agatha Christie “é demasiado conhecida para precisar de uma introdução”.

Ana Teresa Pereira escolheu *O Último Suspeito*, entre muitos outros que identicamente poderia ter considerado, porque o mesmo a “encantou” desde a primeira vez que o leu. No caso de Francis Iles, pseudónimo de Anthony Berkeley Cox, a dificuldade foi optar entre *O Mistério dos Bombons Envenenados* e *Suspeita*. Acaba por escolher *Suspeita* porque é “um livro muito diferente. Sabemos quem é o criminoso logo na primeira página” (Pereira, 2006: 17). No que diz respeito a *Versão Original*, de Bill Ballinger, destaca o facto de o livro ter sido “escrito em dois níveis diferentes” (Pereira, 2006: 18), ou seja, uma narração na primeira pessoa e, depois, uma narração “na terceira pessoa, crua (...)” (Pereira, 2006: 18). Acerca da escritora inglesa Dorothy L. Sayers, evidencia o facto de ter sido a criadora de Lord Peter Wimsey, “um dos detetives mais importantes da ficção policial” (Pereira, 2006: 18). Dos livros do poeta e crítico anglo-irlandês Nicholas Blake/Cecil Day Lewis, Ana Teresa Pereira escolheu *O Homem da Neve* por ser “um belo romance com algumas referências a Henry James, particularmente a *The Turn of the Screw*” (Pereira, 2006: 18), um dos autores e livros mais queridos da escritora.

Tendo terminado a explanação sobre os dez livros da sua lista, que alterou depois de ter lido um ensaio de Dickson Carr, refere-se, ainda, ao “policial negro”, mas para dizer que os autores desse subgénero sempre lhe interessaram pouco, com a exceção de histórias de escritores como Dashiell

Hammett, Raymond Chandler ou Georges Simenon. Como se pode ver, a sua lista não inclui nenhum policial contemporâneo. Se o fizesse, teria sido um livro de Minette Walters¹⁵, conforme assevera.

Neste texto sobre a sua própria obra, as suas afeições e as suas escolhas, não podia faltar Henry James e a menção ao seu “ensaio” *The Art of Fiction*, bem como a declaração concludente da importância das imagens literárias na vida usualmente apelidada “real”: “Elas caminham na rua no meio das outras pessoas: (...), Ellery Queen, Marie Stevens, (...), Lina Aysgarth e Grandy” (Pereira, 2006: 21).

Bibliografia

CATALÃO, Rui (2010), “Sou capaz de qualquer coisa pelos meus livros”. *Público, Ípsilon*, 02 de julho: 36 - 37. (Também disponível em <<http://ipsilon.publico.pt/livros/entrevista.aspx?id=260267>>, consulta a 18/07/2010).

BARROS, Pedro Luís da Cruz Corga de (2010), *Os lugares da ruína em Ana Teresa Pereira*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro.

FONSECA, Rosélia Maria Ornelas Quintal (2003), *A personagem Tom. Unidade e pluralidade em Ana Teresa Pereira*. Dissertação de Mestrado. Funchal: Extensão da Universidade Católica Portuguesa.

FREITAS, Patrícia Ferreira Mota (2011), *Do Escritor como Predador: Mistério e (Re)visões na obra de Ana Teresa Pereira*. Dissertação de Mestrado. Porto: Universidade do Porto.

GUERREIRO António (2012), “A escritora que na semana a passada viu o seu último livro premiado pela APE não é facilmente classificável.” *Atual*, n.º 2088, 3 de novembro.

MAGALHÃES, Rui (1999), *O Labirinto do Medo: Ana Teresa Pereira*. Braga: Ed. Angelus Novus.

MOREIRA, José Guardado (2001), “Casa dos Espelhos”. *LER Livros & Leitores*, n.º 50, primavera: 108.

NUNES, Maria Leonor (2008), “O outro lado do espelho”. *JL Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 13 a 26 de agosto: 10 - 11.

PEREIRA, Ana Teresa,
(1999) *O Rosto de Deus*. Lisboa: Relógio d' Água Editores, (178 pp.).
(2006) *Histórias Policiais*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, (250 pp.).

PINHEIRO, Duarte
(2010) *Além-Sombras: Ana Teresa Pereira*. Tese de Doutoramento. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
(2011) *Além-Sombras: Ana Teresa Pereira*. Fonte da Palavra.

SAMPAIO, Maria de Lurdes Morgado (2007), *História Crítica do Género Policial em Portugal (1870 - 1970): Transfusões e Transferências*. Edição de Autor, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

SARDO, Anabela,
(2002), “Quando a ficção vive na e da ficção”. Ensaio acerca da obra de Ana Teresa Pereira, *CIBERKIOSK 2002, Livros, Artes, Espetáculos, Sociedade*, 19 de maio. (Disponível em <http://www.ciberkiosk.pt/ensaios/sardo.html>. em <http://anateresapereira.wordpress.com/outros-textos/quando-a-ficcao-vive-na-e-da-ficcao/> e em <http://anateresapereira.no.sapo.pt/quandoaficcao.html>).

(2013), *A Audácia de ser Diferente: a Escrita Obsessiva de Ana Teresa Pereira*. Tese de Doutoramento. Aveiro: Universidade de Aveiro.

¹⁵ Desde 1992, Minette Walters (n. 1949) tem cativado leitores e críticos com os seus romances psicológicos “that explore the dark heart beating below a calm surface. (...) Minette’s work has also won crime writing’s top awards, including the Crime Writers’ Association John Creasey award for best first novel for *The Ice House* and the Edgar Allan Poe Award for best crime novel published in America for *The Sculptress*. Five of her novels have been adapted for television” (informação disponível em <<http://www.minettewalters.co.uk/books/index.htm>>, consulta a 12/02/2012).

***Pest-OE/EGE/UI4056/2014 – projeto financiado pela FCT**

Como citar: Anabela Sardo (2014), “PROPÓSITO DO TEXTO ‘OS INSUSPEITOS’, AS PAIXÕES DE ANA TERESA PEREIRA”, *in Atas/anais do XXI COLÓQUIO DA LUSOFONIA*, pp. 75 - 86, S. Miguel - Açores, abril de 2014. ISBN: 978-989-8607-03-4.